

O HISTORIADOR E O ORADOR: A INSERÇÃO DE TUCÍDIDES NOS TRATADOS HISTÓRICOS CICERONIANOS*

*Moisés Antikeira***

Resumo. O artigo pretende delinear a maneira pela qual Cícero apropriou-se do modelo tucídideano no que concerne à relação entre a escrita da história e a oratória, tal como exposto em três tratados retóricos, a saber, *De oratore*, *Brutus* e *Orator*, no contexto da ascensão do movimento aticista em Roma em meados do século I a.C.

Palavras-chave: Cícero; Tucídides; escrita da história; oratória; aticismo romano.

THE HISTORIAN AND THE ORATOR: INSERTING THUCYDIDES INTO CICERO'S RHETORIC TREATISES

Abstract. The article aims to outline the manner in which Cicero appropriated the Thucydidean model with regard to the relationship between the writing of history and oratory, as exposed in three rhetoric treatises, namely *De oratore*, *Brutus* and *Orator*, in the context of the rise of Atticism in Rome during the mid 1st century BC.

Keywords: Cicero; Thucydides; writing of history; oratory; Roman Atticism.

EL HISTORIADOR Y EL ORADOR: LA INSERCIÓN DE TUCÍDIDES EN LOS TRATADOS DE CÍCERO

Resumen. Este artículo pretende delinear la forma en que Cícero se apropió del modelo de Tucídides en lo concerniente a la relación entre la escrita de la historia y la oratoria, tal como fue expuesto en tres tratados retóricos, a saber: *De oratore*, *Brutus* y *Orator*, dentro del contexto de ascensión del movimiento aticista en Roma a mediados del siglo I a.C.

Palabras clave: Cícero; Tucídides; escrita de la historia; oratoria; aticismo romano.

* Artigo recebido em 1/12/2007 e aprovado em 18/3/2008.

** Bacharel e licenciado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004). Mestre em História pela Universidade de São Paulo, onde atualmente realiza o seu doutorado.

INTRODUÇÃO: A PRESENÇA DE TUCÍDIDES NA ROMA TARDO-REPUBLICANA¹

Em meados do último século anterior à nossa era, o universo literário romano registrou a presença e uma influência assaz considerável do historiador Tucídides (455?-404? a.C.)². Tal fato inseriu-se em um fenômeno mais amplo, qual seja, na época mencionada os romanos mantiveram um particular contato com as mais diversas obras gregas. Neste contexto, ainda na primeira metade da década de 50, Tito Lucrecio Caro (94?-55) mostrou-se impressionado com a leitura do ateniense, ao passo que Caio Salústio Crispo (86-34) modelou suas monografias históricas inspirando-se na obra de Tucídides. Além disso, outro autor dedicado ao gênero histórico, o analista Quinto Élio Tuberão (ca. 74-?) teria igualmente pretendido empreender uma composição em latim à moda tucidideana (BOWERSOCK, 1978).

Remontou também àquele período a emergência de um movimento literário cujas linhas mestras traçavam uma pureza gramatical e de estilo como exigência básica para o escritor e, sobretudo, para o orador. Advogava uma simplicidade estilística, identificada por tal corrente com determinados oradores da península Ática, a partir da qual emprestou sua nomenclatura: o aticismo. Caio Licínio Calvo (82?-47?), filho do analista Caio Licínio Macro (?-66), foi o mais notável dos aticistas, que preconizavam a emulação dos clássicos gregos de fins do quinto e o quarto séculos, tais como Tucídides e o orador Lísias (459/440?-380). Opunham-se à ornamentação característica da prosa ciceroniana e, sobretudo, aos oradores denominados asiáticos, dos quais ressaltavam os exageros retóricos, as redundâncias e a falta de concisão³.

¹ Este artigo resulta da ampliação de um trabalho, confeccionado pelo próprio autor, à época mestrando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), por ocasião da disciplina de Pós-Graduação "Memória Histórica e Narrativa Historiográfica", ministrada na referida faculdade pelo Prof. Dr. Francisco Murari Pires, entre os meses de agosto e dezembro de 2005. Agradeço a Profa. Dra. Maria Luiza Corassin, pela leitura de versões prévias deste texto e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento dispensado. A responsabilidade pelas idéias e eventuais equívocos, contudo, restringe-se ao autor.

² A partir deste ponto, todas as datas se referem ao período anterior à era cristã, salvo citações bibliográficas.

³ Não obstante, assevera Russell (1981, p. 50), citando Quintiliano, *Inst.* 12. 10. 12, que Licínio Calvo desaprovou o estilo de Cícero justamente ao designá-lo como "asiático".

Assim, o debate acerca do estilo de Tucídides floresceu em paralelo ao despertar do aticismo romano por volta desta época. No âmbito da historiografia, segundo Fornara (1983, p. 139), à medida que a elaboração de obras históricas em Roma transformou-se prática e literariamente ao longo do século I, por meio da aplicação de um conjunto de princípios retóricos enquanto alicerces de uma apreciação crítica das composições, autores como Lúcio Cornélio Sisena (ca. 120-67) e Salústio dedicaram-se ao estudo da tradição historiográfica grega, algo que iluminaria o prestígio de Tucídides no campo da escrita da história romana naqueles anos. Natural de Atenas, o historiador envolveu-se de modo efetivo com o evento que se propôs reportar. De possível ascendência que remontava à Trácia, foi justamente no litoral dessa região que Tucídides, na condição de estrategista em 424, fracassou na tentativa de impedir que uma expedição espartana liderada por Brásidas se apossasse da colônia ateniense de Anfípolis. A eleição para o cargo, ademais, esboça a influência que o historiador teria exercido em sua própria cidade⁴. O infortúnio na costa trácia lhe valeu o exílio, situação que, por outro lado, transformou-o em um homem que, nos dizeres de Vidal-Naquet (2002) dispunha daquele “duplo olhar” que o banimento carrega em seu bojo, ao tecer a história da guerra que contrapôs as duas principais potências gregas do período clássico sem deter-se apenas nas impressões que emanavam de sua cidade natal.

Marco Túlio Cícero (106-43) não se manteve alheio a estas questões. O Arpinate emerge em um momento caracterizado por conflitos político-sociais que cindiam a *nobilitas* romana, disputas estas cristalizadas com o advento das guerras civis e que denotavam a incompatibilidade das práticas e instituições políticas tradicionais face à nova realidade imperial, em curso a partir da era médio-republicana. A salvaguarda destas instituições, entretanto, afiguravam-se nos horizontes da vida pública cultivada pelo autor, para a qual a oratória revelar-se-ia essencial, à medida que a eloquência prefigurava um dos pilares sobre o

⁴ A escolha de Tucídides para o cargo de estrategista denota também o envolvimento do cidadão ateniense com os assuntos que permeavam a coletividade no contexto das instituições democráticas vigentes no quinto século que, por sua vez, interligavam-se à gradual formação do “império” ou domínio de Atenas, sobretudo no âmbito do Egeu, a partir das vitórias dos helenos nos confrontos contra os persas nos inícios dos anos 470. Neste contexto, a ascensão de Atenas, à frente da Liga de Delos, no espaço da Hélade impunha um desafio à teia de alianças arquitetada por Esparta com as cidades que lhe eram vizinhas posto que, embora costurada há muitos decênios, tal aliança não era capaz de reagir de modo coordenado aos sucessos dos atenienses (JONES, 1997).

qual se sustentava a intensa competição por prestígio e poder que permeou a cultura política em Roma ao final da República. Sendo assim, o orador Cícero é o político Cícero. Neste ensejo, a definição do retrato do orador ideal e as discordâncias com os aticistas assumiram verdadeira faceta pública e motivaram Cícero a redigir três tratados retóricos, a saber, a obra *De oratore*, composta por três livros redigidos em 55, além de *Brutus* e *Orator*, elaborados nove anos mais tarde. Embora divergissem literária e politicamente, é provável que Cícero e Licínio Calvo nutrissem relações cordiais entre si, pautadas em um respeito mútuo (GRUEN, 1967).

As obras supracitadas, por seu turno, comportavam diversas referências a autores e personalidades helênicas, posto o orador possuir conhecimentos da língua grega⁵ e em virtude de todo o peso da cultura dos helenos incidente sobre o pensamento romano. Assim, selecionamos algumas passagens do *De oratore*, especialmente do livro II, somadas a trechos extraídos das obras *Brutus* e *Orator*, a fim de compreendermos determinados traços da apropriação do modelo tucidideano no período circunscrito, considerando-se um duplo aspecto, a saber, em primeiro lugar o pensamento ciceroniano relativo à ligação entre retórica e escrita da história e, por fim, as divergências e a crítica de Cícero aos aticistas no que tangia à excelência da oratória e, por conseguinte, das composições literárias.

O primeiro dentre os tratados retóricos analisados, *De oratore*, constituiu fruto da recolha voluntária da vida pública feita por Cícero, após as reuniões ocorridas no ano de 56 na localidade de Luca, Gália Cisalpina, entre Caio Júlio César (100-44), Cneu Pompeu Magno (106-48) e Marco Licínio Crasso (115-53), nas quais ratificaram suas posições à frente do estado romano. Na obra, Cícero exortou o valor da oratória, salientando o conhecimento adquirido em virtude de sua vasta experiência e postulando-a como elemento fundamental para a instrução daqueles que se ocupam ou se ocuparão da condução dos assuntos da cidade. Estruturado sob a forma de diálogo e temporalmente datado em setembro de 91, o autor introduziu, como personagens principais desta hipotética discussão, Lúcio Licínio Crasso (140-91), cônsul em 95 e renomado orador e Marco Antônio (?-87), avô do futuro triúmviro. Ocorrido na *villa* tusculana de Crasso, participariam ainda Públio Sulpício Rufo (ca. 124?-88), Caio Aurélio Cota (ca. 124-73) e Quinto Múcio

⁵ Cícero assegura que freqüentemente compunha declamações em grego, haja vista a maior "riqueza ornamental" daquela língua, se cotejada ao latim (*Brut.* 310).

Cévola (ca. 159-88) (presente apenas no livro I), ao passo que nos livros II e III se introduzem Quinto Lutácio Cátulo (?-86) e seu meio-irmão Caio Júlio César Estrabão (ca. 130-87). Dentre todas estas personagens, Marco Antônio expressaria as idéias de Cícero no livro II (CAPE JUNIOR, 1997).

A ascensão do movimento aticista na literatura romana representou o pano de fundo da composição dos tratados *Brutus* e *Orator*. Em ambos Cícero expôs uma defesa de sua própria prática oratória, pautada na exatidão e elegância dos discursos cotidianos e contraposta à promoção dos ideais aticistas. O primeiro remonta ao início do ano de 46, um diálogo no qual a *persona* de Cícero exibiu um panorama dos oradores romanos a seus interlocutores, quais sejam, seu amigo Tito Pompônio Ático (109-32) e Marco Júnio Bruto (85-42), simpático ao aticismo. Por seu turno, a segunda obra, elaborada em fins do mesmo ano, engendra uma correspondência endereçada a Bruto, na qual Cícero respondia a uma indagação, talvez factível, daquele no que concernia ao delineamento do orador perfeito (DOUGLAS, 1973).

CÍCERO E A ESCRITA DA HISTÓRIA NO MUNDO ROMANO

Cícero não compôs uma obra de história em si, tampouco um tratado dedicado à escrita daquela. Entretanto, em inúmeros textos esboçou algumas considerações no que se referia à composição e à natureza da história (como em *De legibus* ou em *De optimo genere oratorum*), dentre os quais contemplamos em *De oratore* a mais valiosa abordagem sobre historiografia que os antigos romanos nos legaram (WOODMAN, 1988, p. 75), como assinalado pelo versículo a seguir: “quanto à história, testemunha da passagem dos tempos, luz da verdade, mestra da vida⁶,

⁶ O mote ciceroniano “história mestra da vida” enfatiza um dos pontos mais notáveis da influência de Políbio (ca. 210-130) no interior do discurso historiográfico produzido em Roma. Ao compor suas *Histórias*, o autor nascido na localidade acaia de Megalópolis salientou a utilidade política de sua obra, sublinhando a serventia da história para os homens públicos, na medida em que a exposição das causas dos eventos políticos contemporâneos em curso ofertava àqueles que conduziam os assuntos públicos um guia para a ação presente e futura (FORNARA, 1983). Neste ensejo, Políbio evidenciou a relevância das ações exemplares extraídas à história conquanto serviam como modelos de comportamento, algo que, por seu turno, adequava-se ao hábito romano de entrever a vida e os costumes (*mores vitaeque*) dos ancestrais enquanto fatores que possuíam concreta ressonância no presente (FORNARA, 1983).

mensageira do passado, com qual voz, senão a do orador, poderia ela ser confiada à imortalidade?" (*De or.* 2. 9. 36).

O célebre trecho expressa a convenção ciceroniana extraída da relação entre escrita da história e retórica, na qual a primeira subordinar-se-ia à segunda (RAWSON, 1985, p. 215) e, com efeito, a composição versada em história requereria as habilidades do orador. Em paralelo, o estudo da história deveria exercer um importante papel na educação do orador idealmente construído nesta obra (*De orat.* I, 34, 158), pois que a força dos exemplos históricos conferiria ao discurso charme e crédito (MARCHAL, 1987). Neste sentido, muitos dos predicados necessários ao orador seriam convenientes ao historiador. À medida que a história não constituía um gênero literário singular em Roma e o ensino da retórica simbolizava a base da formação dos homens letrados romanos, Cícero não abordou a questão sobre a escrita da história senão a partir das técnicas da retórica e em função dos caracteres comuns à arte oratória, ou seja, no que se refere ao estilo (MARINCOLA, 1997, p.13).

Assim, em *De oratore*, a personagem Marco Antônio enfatiza o papel da experiência prática como ponto básico para a construção do grande orador. Ainda que fosse possível estabelecer regras ou preceitos a serem observados pelos oradores, aquelas derivariam do exercício prático, não de teorias abstratas nas quais se fundamentavam as técnicas retóricas ensinadas pelos gregos aos romanos (*De or.* 2. 8. 30-33). Ao desenvolver tal argumentação, Marco Antônio tece comentários acerca do terceiro tipo de oratória (*tertium genus*), epidíctico ou demonstrativo⁷. Desta forma, Cícero compreendia por oratória uma forma de expressão mais ampla do que simplesmente destinada, embora sobremaneira, às esferas política e judicial (CAPE JUNIOR, 1997), pois as funções do orador ideal não se restringiriam apenas a tais áreas.

A concepção de história como "mestra da vida" (*De or.* 2. 9. 36) compartilhava com a oratória epidíctica funções similares, isto é, exortar, reprimir ou consolar, seja o leitor ou o ouvinte. Similarmente, tanto este

⁷ Escreve Patillon (1990) que a oratória subdividir-se-ia em três gêneros, que correspondiam a funções específicas no mundo clássico. O judicial, relativo à capacidade de litigar, remeter-se-ia às decisões quanto à natureza justa ou injusta de um caso, nos quais o discurso poderia ser de defesa ou acusação. O deliberativo tangia, sobretudo, às assembleias públicas, em que se deliberava acerca do devir da cidade, gravitando entre o oportuno e o inoportuno e, por fim, o terceiro gênero concerniria às celebrações dos eventos marcantes da vida cotidiana, sobre os quais emergiam discursos de exortação moral.

gênero de oratória quanto a escrita da história dispensariam regras especiais de composição. Entretanto, a função didática da história somente se efetivaria na medida em que se empregasse um estilo de composição apropriada para tanto. Logo, Marco Antônio relacionou a voz do orador à história, pois esta última, por intermédio de um estilo conveniente, exerceria com eficácia sua função de mestra da vida (CAPE JUNIOR, 1997). Assim, a proximidade entre o gênero epidíctico e a historiografia no pensamento de Cícero, ambos direcionados à persuasão e ao deleite do público, obtido a partir do emprego de figuras de linguagem e metáforas poéticas (LEEMAN, 1955), conduz-nos à seguinte assertiva:

A história é intimamente próxima deste gênero [demonstrativo]. Envolve, por uma parte, uma narrativa ornamentada, por outra, uma descrição de um país ou uma batalha; interpõem-se igualmente discursos persuasivos e discursos exortativos. Mas seu objetivo é um estilo suave e fluente, não a linguagem veemente e rigorosa da oratória judicial (*Orat.* 66)⁸.

Ressaltemos ainda Marco Antônio em *De or.* 2.15. 62-4, cuja passagem sumariza os elementos distintivos da composição ideal das obras históricas. Tal como a oratória, a história não demandava regras definidas, posto os alicerces da escrita da história estarem diante dos olhos de todos: “a primeira lei da história é não ousar dizer algo falso, logo, não ousar dizer nada além da verdade” (*De or.* 2. 15. 62). Neste sentido, Cícero condenaria a mácula impingida à história observada em certas orações fúnebres, comuns aos círculos sociais superiores de Roma, pontilhadas por fatos que jamais ocorreram, visando ao engrandecimento da memória do falecido (*Brut.* 61-62). Assim, salienta-se uma distinção entre a história, relacionada à “verdade” dos fatos e o encômio, em que se aceitariam as hipérboles. Adicione-se a isto que os escritos do historiador não deveriam sugerir favorecimento ou ódio dirigidos a terceiros (*De or.* 2. 15. 62). A “imparcialidade” requerida ao historiador, nestes termos, representaria uma noção usualmente empregada pelos autores antigos, em particular por escritores de eventos (quase) contemporâneos (LUCÉ, 1989, p. 17).

⁸ Esta eloquência almejada para a história se distingue também da poesia, como se observa na continuação do versículo. Tanto a poesia quanto a história demandam habilidades literárias; porém, a última se difere da primeira em função de seu necessário apego à verdade, argumenta Mellor (1999) acerca da teoria delineada por Cícero.

Todavia, embora tais fundamentos (*fundamenta*) fossem reconhecidos por todos, “a verdadeira composição (*exaedificatio*) consiste em fatos e palavras” (*De or.* 2. 15. 63), ou seja, o modo ideal de se compor uma narrativa histórica assentava-se no conteúdo e no estilo. Desta forma, a história deveria se alicerçar naquilo que é verdadeiro, mas, ao elaborá-la o historiador procederia como o orador epidíctico, almejando o que fosse preciso para ornamentar suas palavras. Portanto, segundo os pressupostos ciceronianos, se os fatos são verdadeiros, ornar tornar-ia-se legítimo (MELLOR, 1999). Assim, o autor elencou as exigências estilísticas abarcadas pela composição, isto é, o discurso deveria ser coerente e fluente, cuja decorrente suavidade se igualaria à cadência de seu curso (*De or.* 2. 15. 64), algo diferente do que se empregaria, por exemplo, na oratória praticada no Fórum, marcada pela severidade e virulência, cujo rigor seria não somente desejável, como necessário.

O “TUCÍDIDES HISTORIADOR” E O “TUCÍDIDES ORADOR” AOS OLHOS DE CÍCERO

No âmbito da teoria ciceroniana, assim sendo, a história não correspondia a um simples encadeamento de fatos, mas requiritava uma dimensão literária. Dentro deste enquadramento, Cícero traçou um panorama acerca da prática historiográfica romana (*De or.* 2. 12. 51-53). Contudo, as habilidades estilísticas preconizadas, tal como ilustradas no parágrafo anterior, não eram vislumbradas pelo autor nos historiadores latinos, aos quais a historiografia helênica contrapor-se-ia. A admiração devotada por Cícero aos gregos revela-se nas palavras de Cátulo, quando indagado por Marco Antônio acerca do modelo de indivíduo que se exigia para a escrita da história romana. Ao que Cátulo respondeu (*De or.* 2. 12. 51): “para se escrever à maneira dos gregos [...], um varão de suprema habilidade é requerido”. Não obstante, Marco Antônio matizaria o ponto, ao afirmar que, em seus primórdios, os gregos costumavam compor de maneira similar a Catão, o Censor (234-149), Fábio Pictor (ca. 254-?) ou Calpúrnio Pisão (ca. meados do século II), ou seja, desconsiderando qualquer ornamentação retórica, pois a história, no início, não era nada além de mera compilação de anais (*De or.* 2. 12. 52).

Cícero reconhecia, entretanto, a honestidade dos historiadores citados, a despeito da simplicidade de seus escritos (*De or.* 2. 12. 52), uma posição que antecipava a relevância da verdade enquanto fundamento da história, como anunciada em *De or.* 2.14.62. As ressalvas dirigidas aos

antigos historiadores romanos, logo, tangiam à ausência de propósitos estilísticos, não aos fatos que abordavam⁹. A história, enquanto vinculada ao gênero demonstrativo, partilha com este a função didática de exortação moral. Tal objetivo, no entanto, cumpre-se somente nas mãos de ornadores de história (*exornatores rerum*). Por isso, a crítica aos historiadores romanos, considerados meros narradores (*narratores*) (*De or.* 2. 12. 54), que negligenciaram a elocução (AMBROSIO, 2005).

Segundo Cícero, ainda não teria se produzido em Roma – recordemos que o diálogo foi circunscrito ao mês de setembro de 91 – uma história calcada em princípios adequados para tal tarefa, uma vez os ensinamentos transmitidos pelos mestres de retórica latinos (*rhetores Latini*) a seus pupilos basearem-se meramente na eloquência requerida para a declamação pública (CAPE JUNIOR, 1997). A escrita da história exigiria outro grau de excelência retórica e, nestes termos, relacionar-se-ia explicitamente à oratória demonstrativa (*Orat.* 37). Apesar disso, tanto Woodman (1988) quanto Mellor (1999) postulam que Cícero concebeu a narrativa historiográfica nos termos da oratória judicial, embora os trechos por ora analisados refutem tal conclusão e apontem para o terceiro gênero de oratória.

Retomando a avaliação dos historiadores, nota-se a assertiva de Cícero referente ao fato de os mais relevantes dentre os homens gregos se dedicarem com afeição a respeitáveis estudos em geral, especialmente à escrita da história, ao passo que se mantiveram alheios ao campo forense e a rotina dos tribunais (*De or.* 2. 13. 55-58). Sendo assim, conhecidos autores, como Heródoto (ca. 484-425), Teopompo (ca. 380-?), Éforo (400-330) e Timeu (ca. 345-250) teriam empregado recursos retóricos adequados à empresa que se propuseram, ao contrário dos historiadores

⁹ Marincola (1997) sugere que autores como Cícero, ao afirmarem a necessidade de um estilo aperfeiçoado à história, empregam também a técnica retórica da *diminutio*, ressaltando uma humilde devoção à verdade (dada a freqüente dicotomia no universo literário clássico entre precisão e simplicidade de estilo, de um lado, e ornamentação e falsificação dos fatos, de outro).

em Roma¹⁰. Ainda nesta passagem, Cícero adicionava àqueles Tucídides, como modelo de composição histórica:

Tucídides, em minha opinião, facilmente superou a todos quanto à maestria da composição: tão amplo é ele, seja pelo detalhamento dos fatos, seja pela quantidade de suas idéias que se igualam por perto à quantidade de palavras e, além disso, ele é tão preciso e breve ao expressar-se que não se sabe se é a narrativa que se ilumina a partir do estilo ou se a eloquência em função de suas opiniões (*De or.* 2. 13. 56).

A qualidade literária dos historiadores gregos é reiterada em *Orat.* 39, por intermédio da evocação dos pioneiros na atividade: “Por isso Heródoto e Tucídides são mais admiráveis [...]; e a partir desses primeiros [...] a história é abalada de tal modo que ousasse exprimir-se com mais eloquência e elegância que seus predecessores”. Ressalve-se, contudo, que o elogio de Cícero limita-se a tais termos, desconsiderando os objetivos distintos que os fundadores da escrita da história dentre os helenos apresentaram.

Assim, sublinhemos que é a partir de Heródoto que a *historia*, “investigação”, “pesquisa”, assume forma de expressão literária e, portanto, alicerça um novo gênero. Dedicado a inquirir sobre as causas do confronto entre gregos e persas, a obra que compôs volta-se para a investigação do passado, porém sem limitar-se àquele: Heródoto desfila suas impressões acerca dos costumes e singularidades dos vários povos que visitou, desde os egípcios até os persas, passando pelos fenícios, assim como expõe informações que recolheu sobre o passado de tais lugares (MONTEPAOLE et AL., 1994). Outro aspecto original do

¹⁰ Neste sentido, Cícero diferencia seus concidadãos face aos helenos, à medida que os primeiros ansiavam destacar-se tão-somente na elocução das coisas no Fórum. Essa constatação implicava, afirma Ambrosio (2005), obstáculos para a escrita da história em Roma, pois que tal atividade deveria se afastar do gênero judiciário (por sinal, aquele que os romanos educados mais cultivavam), uma vez que requeria a elocução própria do gênero epidíctico para sua composição (*Orat.* 42. 207), ao passo que igualmente exigiria tempo e distância das discussões pertinentes aos tribunais, como apontado pelos modelos helênicos, ao contrário dos romanos, que devotariam às atividades jurídicas e políticas todos os seus esforços.

intento herodoteano é indicado nos inícios do texto, pois indica que pretende escrever a fim de que se preservasse a memória dos grandes feitos, protagonizados pelos gregos e pelos bárbaros, “em particular as causas do conflito que fez com que eles se defrontassem” (Herod. 1. 1). Destaca Fornara (1983) que, desse modo, o historiador de Halicarnasso norteou-se, ao selecionar seu material, por uma preconcebida indagação acerca das causas¹¹, conferindo à prosa histórica um caráter explanatório.

O escopo herodoteano, pois, é amplo e a concepção de sua obra, proporcionalmente grandiosa. Seu relato, não obstante, fundamentava-se em tradições orais e fiava acontecimentos que se desenrolaram em décadas anteriores, os quais o historiador não pôde vivenciar e, sobretudo, não dispunha e tampouco encontraria evidências seguras. Décênios mais tarde, Tucídides apresentaria uma narrativa contraposta à amplitude da obra de Heródoto, posto que ao primeiro se desnudaria um evento do qual ele seria contemporâneo e mesmo partícipe, ou seja, a guerra interna. À incerteza das recordações do passado longínquo, Tucídides ofertaria uma reconstrução exata de um acontecimento particular, que ele vislumbrou com seus próprios olhos (MONTEPAOLE et. AL., 1994).

Voltemos, logo, ao discurso de Cícero. Neste, percebe-se que o historiador ateniense, embora tivesse sido um homem público, não se incluía entre aqueles que advogavam causas; em suma, não foi um orador forense (*De or.* 2. 13. 56). Sincero e arauto dos feitos, até mesmo grandioso, assim Cícero concebeu Tucídides enquanto historiador (*Brut.* 287). Ademais, ao expor a relação entre história e verdade (*De or.* 2. 15. 62), o autor igualmente ter-se-ia remetido ao escritor grego em questão, pois que os padrões de honestidade encarnados por Tucídides seriam apreciados pelo Arpinate (MOMIGLIANO, 2004).

¹¹ Este questionamento referente às causas dos fatos se articula ao desenrolar da ciência grega no século V, irradiada a partir da Jônia, inscrito no contexto da cidade isonômica. Baseando-se na razão, buscava-se investigar e inventariar os fenômenos como forma de apreender o mundo e, logo, deduzir os princípios que o regiam, representá-lo tal como deveria ser (HARTOG, 2004).

De fato, pois, na ênfase dedicada à verdade e à precisão factual Tucídides articulará a utilidade de sua história¹². O historiador oferta ao escrutínio aquilo que aconteceu acerca da Guerra do Peloponeso e, ao fazê-lo com “clareza”, ainda que a tarefa fosse difícil, garante aos leitores a verdade dos fatos apresentados. Dada à constância da natureza humana (“conforme o humano”), Tucídides estabelece a possibilidade de que aquilo que ocorreu tornará a acontecer, de modo igual ou semelhante, do que resulta a utilidade de sua narrativa (uma “aquisição para sempre”). Trata-se de uma expressão confiante a respeito das ações humanas, calcadas na análise de um evento particular que, por seu turno, oferece padrões gerais para utilização no futuro. Desta maneira, o historiador alcançaria um tema amplo, universal e atemporal (um retrato da natureza humana) por intermédio de uma analogia edificada sobre um exemplo mais restrito, o comportamento dos indivíduos em meio a um conflito particular, a guerra entre atenienses e lacedemônios (SCANLON, 2002).

Ademais, o método empírico delineado por Tucídides na passagem por ora destacada pressupõe o emprego de princípios comuns a outras esferas que compunham o ambiente intelectual grego em fins do quinto século, como a medicina. O procedimento tucidideano de descobrir e avaliar por intermédio da inquirição guarda semelhanças com os preceitos ilustrados pelos primeiros tratados que integram o *corpus* hipocrático, compostos por volta dessa época, cuja essência residia na perspectiva de que um conhecimento razoavelmente claro quanto às causas das moléstias que afligiam o ser humano se fundamentava na investigação sistemática das mesmas, propiciando aos versados em medicina agirem da maneira mais adequada (SCANLON, 2002). Como afirma Hartog (2004, p. 111), no caso de Tucídides, na medida em que a guerra que reportará é reputada como a maior de todas, somente o presente desperta a atenção do autor, que procura conhecê-lo e compreendê-lo, “com a ambição de fornecer à posteridade um modelo de inteligibilidade, de que ela poderá fazer uso caso se confronte com crises análogas”.

Entretanto, salienta Earl (1972, p. 854) que Cícero “claramente não leu” a obra de Tucídides quando da composição de *De oratore*, tendo

¹² “Para o auditório, também a ausência do fabuloso nos fatos relatados parecerá desagradável; mas, se todos os que quiserem examinar com clareza o que aconteceu (e o que porventura, conforme o humano, será de novo igual ou semelhante ao acontecido) os julgarem úteis, será o suficiente. Trata-se de aquisição para sempre, mais que de uma peça para um concurso, a ser ouvida de momento” (Thuc. 1.22.4).

expressado tão-somente a avaliação padrão e recorrente acerca do renomado historiador. Contudo, em *De or.* 2.13.57, lê-se que Tucídides “foi sucedido por Filisto de Siracusa que [...] a meu ver foi, acima de tudo, um imitador de Tucídides” (grifo nosso). Desta maneira, ou Cícero não conhecia de fato os escritos tucidideanos à época do *De oratore* e exprimiu, acerca de Filisto (ca. 432-356), outra “avaliação padrão e recorrente” ou, ao que parece, nos informa ao menos que teria contato razoável com as obras dos historiadores gregos a ponto de confrontá-las e conectá-las entre si.

Por outro lado, diz Cícero (*Brut.* 29), a concisão empregada por Tucídides em sua forma de expressão obscurecia, por vezes, seus textos. Estaríamos diante de uma contradição ou, talvez, o orador romano mudara sua convicção quanto a excelência tucidideana no decurso de quase uma década entre a elaboração dos tratados? Em verdade, como aponta Bowersock (1978, p. 64), Cícero considerava Tucídides um modelo clássico, mas restrito à escrita da história. O estilo do historiador ateniense seria inadequado à retórica forense ou para a declamação pública em geral. Denota-se em *Orat.* 30 a exposição clara desta assertiva, na qual Cícero postularia que Tucídides “narra eventos históricos, guerras e batalhas, de maneira refinada e digna, mas nada nele pode ser aplicado ao fórum ou à vida pública”.

Neste sentido, embora sob os cânones ciceronianos a aplicação de técnicas retóricas fosse imprescindível à elaboração de adequadas obras históricas, Cícero sutilmente estabeleceu uma ligeira distinção entre os padrões da oratória e aqueles da escrita da história. Em *Brut.* 41-42, Cícero, enquanto personagem do diálogo, constrói um paralelo entre o dever do ateniense Temístocles e o do romano Coriolano, uma vez que ambos teriam sido grandes patriotas, foram exilados em função de um povo mal-agradecido e cometeram suicídio. Quanto a este último aspecto, dirigir-se-ia Cícero a Ático, afirmando que, não obstante este possuísse uma versão diferente acerca da morte de Coriolano, permitisse que ele, Cícero, preferisse um relato distinto no que tangia ao fato. Na seqüência, Ático voltou-se para Cícero e asseverou que seria “tua escolha, pois aos oradores se concede mentir em história, em função de enfatizar aquilo que dizem”. Cícero, assim, acresceu à história cores dramáticas ao inventar uma versão para o suicídio de Coriolano, tal qual Clítarco e Estratócles o fizeram em relação ao relato tucidideano dos últimos dias de Temístocles, “pois eles podiam ornamentar [...] de uma maneira retórica e trágica, ao passo que a ordinária realidade não oferecia material

para ornamentação" (*Brut.* 43). Nestes termos, Ático consentiu com a escolha de Cícero.

Ao analisar tais passagens, Wiseman (2003) conclui que, no pensamento ciceroniano, permitia-se ao orador falsificar os fatos da história se, para tanto, sublinhasse determinados pontos na argumentação proferida. Entretanto, apenas a voz estrita do orador poderia fazê-lo, pois ao historiador impunha-se a obrigação de nada falso dizer (*De or.* 2. 15. 62). Ático, ao citar as adições que Clitarco e Estratócles agregaram à narrativa de Tucídides, aludiu ao fato de que os primeiros praticaram oratória, não história e ainda que permitisse a Cícero alterar os eventos em virtude de seus propósitos, a versão da morte de Coriolano que ele, Ático, sustenta (e, por conseguinte, a versão tucidideana concernente ao devir de Temístocles) não seria distorcida e, pois, pertenceria à história.

Ademais, faz-se necessário compreendermos que Cícero envolvia-se em uma polêmica que o opunha aos aticistas no que dizia respeito ao estilo aplicado à prática do orador. Os seguidores de Licínio Calvo vislumbravam Tucídides como um modelo que se esforçavam por imitar (*Brut.* 287). Não obstante, o autor do diálogo é enfático: ao afirmar que o historiador ateniense "é ótimo, se você está pensando em escrever história, porém não se você considerar causas a advogar" (*Brut.* 287), depreendemos que a oratória judicial não constituiu um gênero praticado por Tucídides, de acordo com os pressupostos ciceronianos. Tal como postula Laughton (1961, p. 31), apesar de não considerar Lísias um orador perfeito, Cícero concorda com os aticistas que o adotaram como exemplo, se cotejados àqueles que procuraram imitar o historiador de Atenas, pois este não foi, de maneira alguma, um orador.

O cerne da questão que opunha Cícero ao aticismo não residia na legitimidade do retorno aos clássicos gregos, enquanto guias das composições latinas, visto que ambas as partes aceitavam o valor congregado por tais modelos. Logo, as dissensões repousavam na definição dos autores gregos que poderiam ser designados como "áticos" (BOWERSOCK, 1978, p. 59) e, no caso específico envolvendo Tucídides, Cícero questionava sua classificação como um exemplo propício à oratória. Por sua vez, tais questões remetiam-se ao debate acerca dos elementos constitutivos de uma oratória primorosa. Cícero não admitia como modo único de expressão a pureza estilística

preconizada pelos aticistas romanos¹³. Para tanto, demonstraria que oradores tão díspares – no que concerne ao estilo – quanto Demóstenes (384-322), Hipérides (390-322) e Lísias foram, cada qual à sua maneira, genuinamente áticos (*Brut.* 285)¹⁴. Cícero possuía uma compreensão mais ampla da oratória ática, muito além do estilo sem ornato característico de Licínio Calvo, apontado por Bruto no diálogo como “deliberadamente cultivado”, a fim de granjear-lhe o título de “ático” (*Brut.* 284).

Nota-se que, em *Orat.* 28, Cícero reafirma os parâmetros de sua análise, ao dizer que “Existem vários tipos de aticistas [...]; no entanto, estes de nossos dias apreenderam a natureza de um tipo apenas. Pensam que o único que se atém ao gênero ático é aquele que enuncia em um estilo grosseiro e sem elegância”. Deste modo, a escolha de Tucídides enquanto modelo a ser seguido por parte dos aticistas em Roma revelar-se-ia inadequada. Cícero ressaltou os equívocos dos “tucidideanos” romanos, pois os famosos discursos presentes nos interstícios da narrativa do historiador de Atenas continham inúmeras orações tão obscuras, dificilmente inteligíveis, fator este que constituía uma falta primordial se cometido por aqueles que anseiam discursar em público (*Orat.* 30)¹⁵. Além disso, os aticistas romanos tampouco teriam conseguido emular “nem as palavras, nem a nobreza das idéias” de Tucídides (*Orat.* 32).

Para amplificar sua crítica, Cícero declarou que, dentre os próprios gregos, jamais algum mestre em retórica concebeu Tucídides como exemplo (*Orat.* 31). Este era louvado por todos devido à sua inteligência e seriedade ao narrar os eventos, porém, nunca fora enumerado como um orador, pois não era versado em casos judiciais, mas sim na descrição de guerras na história (*Orat.* 31-32). Cícero asseverou inclusive que Tucídides era reconhecido em função da história que compusera, ainda que possuísse uma ascendência nobre (à qual há

¹³ Embora reconhecesse a valia dos anseios aticistas tanto quanto os que ele cultivava, como se depreende em *Orat.* 237.

¹⁴ Diz Cícero que Hegésias de Magnésia, orador do século terceiro e considerado o “pai” da oratória “asiática” e, logo, oposto aos padrões defendidos pelos aticistas romanos, almejou imitar Lísias (*Orat.* 226). O intento do autor, nesta passagem, seria ironizar os pressupostos do aticismo, na medida em que um orador “asiático” se nutria de um modelo “ático” por excelência, e assim salientar seu ponto de vista.

¹⁵ Este versículo, postula Douglas (1973), sugeriria uma distinção estilística entre os inúmeros discursos inseridos na obra tucidideana e a narrativa dos fatos em si, isenta de adorno retórico.

referências também em *Brut.* 43) e tivesse exercido um cargo público, isto é, o comando da frota ateniense em Anfípolis no ano 424.

Cícero utilizou outros recursos a fim de evidenciar os equívocos dos aticistas de seu tempo. Em *Brut.* 66, elogiou a eloquência do orador e historiador Catão, o Censor, lamentando a ausência de admiradores de seu estilo, da mesma maneira que séculos antes nem Filisto de Siracusa e Tucídides foram seguidos. Os três partilhavam característica semelhante, qual seja, a brevidade empregada na elaboração das orações, as quais, não raro, careciam de clareza. Neste ensejo, Teopompo eclipsou seus rivais gregos em função de seu estilo elevado, ao passo que Catão fora superado por sucessivos escritores latinos. Por meio deste raciocínio, Cícero almejou enfatizar a ignorância de seus contemporâneos aticistas que se deleitam com os primórdios das letras gregas, se regozijando com a simplicidade por eles denominada “ática”, observada em Lísias e Hipérides, mas incapazes de reconhecer as mesmas qualidades em um romano, isto é, Catão (*Brut.* 67)¹⁶.

Embora vislumbre em Tucídides características comuns a oradores como Péricles (495-429) e Alcibiades (450-404), tais como a precisão, a concisão e a sutileza (*De or.* 2. 22.93), Cícero de forma alguma o considerou um exemplo de orador¹⁷. As similitudes estilísticas entre o historiador e os oradores advêm do fato de pertencerem ao mesmo período, visto que “cada época produziu seu próprio estilo singular” (*De or.* 2.22.92)¹⁸. Esta proposição funda-se em uma articulação entre oratória e história “política”, evocada por Aristóteles, que estabelece o desenvolvimento da primeira relacionando-a aos condicionantes

¹⁶ Ático interpela Cícero, não considerando Catão ao nível de Lísias no que diz respeito à eloquência (*Brut.* 293), tampouco que as *Origines* possuíssem as virtudes estilísticas das histórias de Filisto e Tucídides, homens que nem mesmos os escritores gregos foram capazes de alcançar (*Brut.* 294). Cícero replica, asseverando que a Catão só faltavam algumas cores que não haviam sido ainda descobertas (*Brut.* 298).

¹⁷ Nos períodos anteriores a Péricles e Tucídides, Cícero desconhece qualquer escrito que revele uma elaboração ou se assemelhe com a obra de um orador (*Brut.* 27). A inclusão de Tucídides nesta passagem, ao que parece, derivar-se-ia pelo fato de suas histórias incluírem discursos das personagens históricas. Provavelmente, Cícero conheceu a arte oratória do mais notável estadista da Atenas clássica por intermédio dos escritos tucidideanos (LAUGHTON, 1961).

¹⁸ O autor dedicava-se nas passagens citadas ao estabelecimento de uma cronologia das gerações de oradores atenienses, das quais Péricles e Alcibiades representariam a mais antiga. Concepção idêntica emergiria ao comentar o arcaísmo de Catão, resultante da forma como os romanos se expressavam àquela época (*Brut.* 68).

vivenciados pelos indivíduos em diferentes eras (RUSSELL, 1981). Por isso, considerou Cícero que, se tivesse Tucídides vivido em um período ligeiramente posterior, seu estilo teria sido mais completo e agradável (*Brut.* 288). Sendo assim, Leeman (1955) conclui que, dentro dos limites da apreciação ciceroniana, o historiador ateniense corresponderia a um autor pré-clássico, mesmo arcaico.

Por fim, embora dispusessem de um elevado grau de reciprocidade na teoria ciceroniana, as qualidades retóricas do historiador não resultam por inteiro aplicáveis pelo orador. Ao analisar os grandes historiadores gregos (*De or.* 2. 13. 55-58), dentre os quais Tucídides, Cícero indicava que a magnificência daqueles residia no emprego de um estilo adequado à narrativa histórica, distante da eloquência exigida no âmbito forense, enquanto que nos versículos do *Brutus* e *Orator* apontava aos aticistas que, a despeito da estreiteza dos modelos por eles considerados como “áticos”, Tucídides de maneira alguma poderia ser incluído entre os exemplos a serem imitados na construção do orador ideal.

O ESTILO DE TUCÍDIDES E A APROPRIAÇÃO CICERONIANA

Ao dissertar, pois, a respeito do orador ideal em *De oratore*, o Arpinate desvela a admiração que nutria pela eloquência de Isócrates (438-336). Este, ao considerar a arte da retórica o instrumento crucial para a formação dos homens públicos, uma vez que o ensino daquela seria por ele concebido com vistas à transmissão de valores morais e políticos aos seus pupilos, aperfeiçoou a prosa rítmica, conferindo à língua ática novos contornos, por meio de figuras como, por exemplo, anáforas que imprimiam nos discursos jogos de palavras que geralmente se associavam à poesia (WOOTEN, 1989). A cadência do discurso isocrático exprimir-se-ia por meio do “estilo periódico”, indicado pelo conceito latino da *circumscriptio*, o qual o próprio Cícero define como aquele em que “a linguagem flui como se circunscrita a um círculo, até atingir um fim com cada oração perfeita e completa” (*Orat.* 207). Para tanto, a seleção e arranjo das palavras e sentenças no interior de uma composição revela-se primordial a fim de que se alcançasse a fluência pretendida e, assim, no entender de Cícero, seria o “estilo periódico” preconizado por Isócrates o mais adequado à oratória demonstrativa e à

história, como evidenciado, em relação a esta última, por Teopompo, discípulo de Isócrates (*Orat.* 207)¹⁹.

No que concerne à elocução, parte da hermenêutica contemporânea, nestes termos, afirma que Cícero possuía algumas reservas quanto aos méritos retóricos de Tucídides (BOWERSOCK, 1978) ou mesmo que as concepções expostas em *Brutus* e *Orator* depreciariam o estilo do ateniense (EARL, 1972). Demonstramos anteriormente que Cícero considerou inadequado o estilo tucidideano no tocante à oratória, não obstante, enfatizou sua aplicabilidade no que tangia à escrita da história. Disto não resulta, em verdade, que Tucídides seria julgado como modelo estilístico desejável para o historiador, de acordo com os cânones ciceronianos. À medida que a elegância na elocução residiria na prática da oratória, Cícero vislumbrou a escrita da história como um labor apropriado sobretudo ao orador (WISEMAN, 2003) e, neste caso, Tucídides jamais poderia emergir como o exemplo idealmente traçado por Cícero.

Sendo assim, Marchal (1987) e Woodman (1988) postulam que Heródoto se configuraria enquanto exemplo ideal para a historiografia, posto que a descrição do estilo daquele se aproximaria do delineamento, de viés isocrático, exposto no que se refere à história em *Orat.* 66. Não obstante, tal suposição ignora a assertiva ciceroniana de que o estilo adequado à escrita da história foi gerado em época posterior àquela em que viveu Tucídides (*De or.* 2. 22. 92; *Brut.* 288) e, portanto, não estaria de modo algum disponível para Heródoto. Além disso, em *Orat.* 66 não se menciona o escritor de Halicarnasso. Resta, por sua vez, o enaltecimento às formas de expressão em história vislumbradas tanto em Heródoto quanto em Tucídides, indistintamente (*Orat.* 39).

Cícero, logo, teceu alguns comentários tangentes à prosa tucidideana:

Se os escritores antigos – quero dizer, Heródoto, Tucídides e todos daquele período – compuseram convenientemente algo

¹⁹ Avalia Fantham (1978) que, nas obras *Brutus* e *Orator*, Cícero elevava Demóstenes ao patamar de Isócrates. Há de ressalvamos, no entanto, que a oratória de Demóstenes apresenta pontos que o afastam do estilo isocrático como, por exemplo, o emprego da mencionada estrutura periódica, variável em função do emprego frases simples independentes, embelezadas ao se adicionar uma utilização livre de metáforas e figuras de pensamento, como apóstrofes, porém sem devotar grande atenção ao uso de hiatos no encadeamento de suas orações, ao contrário da prática isocrática focada na completa fluidez do discurso (WOOTEN, 1989).

[ou seja, no que se refere ao ritmo, ao equilíbrio da composição], isto se deveu, certamente, não a uma busca por boa cadência, mas a disposição das palavras (*Orat.* 219).

Na mesma passagem, o autor esclarece que por “disposição das palavras” compreendia a cadência dos vocábulos inseridos na oração de forma tal que parecesse natural e espontânea, sem aparente esforço por parte do autor. Ademais, em *Orat.* 234 Cícero reconhece haver certa ornamentação em Tucídides, faltando-lhe, no entanto, “a estrutura periódica”.

Portanto, nestes trechos a destreza literária do historiador da guerra entre atenienses e peloponésios é analisada a partir dos princípios isocráticos, considerados adequados à escrita da história, porém, ausentes na obra de Tucídides. Tal constatação não implicava forçosamente uma avaliação negativa por parte de Cícero, pois os pressupostos desenvolvidos por Isócrates e aplicados por Teopompo não estavam disponíveis à época em que vivera Tucídides (ver *De or.* 2. 22. 92-93). Além disso, Cícero admira a figura de Tucídides – para tanto, basta recordarmos *De or.* 2. 13. 56. Como sublinha Rawson (1972), embora consideradas necessárias, Cícero não procurou qualidades unicamente estilísticas nos historiadores, distinguindo-os, neste caso, dos oradores. O apreço declamado à honestidade tucidideana em *Brut.* 287 evidencia que a característica mencionada seria inseparável, assim, do estilo apresentado pelo historiador ateniense.

Por sua vez, aventamos outro aspecto relevante a indicar-nos, de maneira sutil, o respeito dedicado por Cícero à obra tucidideana. Em *Orat.* 209, o autor expressou algumas reservas no que concerne ao uso desmesurado das técnicas retóricas pertinentes ao gênero demonstrativo, atestando que estas deveriam ser empregadas de forma comedida e em ocasiões específicas por parte do orador, pois a utilização constante “[...] furta ao público ouvinte sua disposição natural, afasta por inteiro a verdade e a sinceridade” (*Orat.* 209). Ora, neste sentido, o versículo destacado alude de maneira positiva à honestidade de autores como Tucídides, cujos escritos não se valiam do estilo julgado comum à história e à oratória epidíctica. Logo, nos meandros da teoria ciceroniana tal como exposta nas obras analisadas, a fraqueza de Tucídides redundaria, implicitamente, em sua virtude enquanto historiador, uma vez que, embora o ateniense não exibisse o estilo periódico desejável à composição de obras históricas, manteve-se distante do vício decorrente

do emprego exacerbado daquele, qual seja, comprometer a verdade dos fatos.

REFERÊNCIAS

- CICERO, Marcus Tullius. *Cicero in twenty-eight volumes*. Translation by E. W. Sutton, introduction by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1988. v. 3. De oratore: books 1-2. (Loeb classical library).
- _____. *Brutus & Orator*. Translation by G. L. Hendrickson & H. M. Hubbell. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1988. (Loeb classical library).
- CICÉRON. *Brutus*. Texte établi et traduit par Jules Martha. 3. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1960. (Collection des universités de France).
- _____. *L'orateur: du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964. (Collection des universités de France).
- _____. *De l'orateur*. Texte traduit par Edmond Courbaud. 4. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1966. (Collection des universités de France).
- AMBROSIO, R. *De rationibus exordiendi: os princípios da história em Roma*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- BOWERSOCK, G. W. Historical problems in Late Republican and Augustan Classicism. *Entretiens sur l'Antiquité Classique*, Vandoeuvres-Genève, v. 25, p. 57-78, 1978.
- CAPE JUNIOR, R. W. Persuasive history: roman rhetoric and historiography. In: DOMINIK, W. J. *Roman eloquence: rhetoric in society and literature*. London: Routledge, 1997. p. 212-228.
- DOUGLAS, A. E. The intellectual background of Cicero's rhetorica. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, Berlin, v. I.3, p. 95-138, 1973.
- EARL, D. Prologue-form in ancient historiography. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, Berlin, v. I.2, p. 842-856, 1972.
- FANTHAM, E. Imitation and Evolution: the discussion of rhetorical imitation in Cicero De Oratore 2.87-97 and some related problems of Ciceronian theory. *Classical Philology*, Chicago, v. 73, p. 1-16, 1978.

- FORNARA, C. W. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. Berkeley: University of California Press, 1983.
- GRUEN, E. S. Cicero and Licinius Calvus. *Harvard Studies in Classical Philology*, Cambridge, v. 71, p. 215-233, 1967.
- HARTOG, F. (Org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- _____. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2004. (Coleção Humanitas).
- JONES, P. V. (Org.). *O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. Tradução de Ana Lia de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LAUGHTON, E. Cicero and the Greek orators. *American Journal of Philology*, Baltimore, v. 82, p. 27-49, 1961.
- LEEMAN, A. D. Le genre et le style historique a Rome: théorie et pratique. *Revue des Études Latines*, Paris, v. 33, p. 183-208, 1955.
- LUCE, T. J. Ancient views on the causes of bias in historical writing. *Classical Philology*, Chicago, v. 84, no.1, p. 16-31, 1989.
- MARCHAL, L. L'histoire pour Cicéron. *Les études classiques*, Namur, v. 55, n. 1, p. 41-64, 1987.
- MARINCOLA, J. Authority and tradition in ancient historiography. Cambridge: University Press, 1997.
- MELLOR, R. *The Roman historians*. London: Routledge, 1999.
- MOMIGLIANO, A. A tradição herodoteana e tucidideana. In: _____. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: EDUSC, 2004. p. 53-83.
- MONTEPAOLE, C. et al. (Ed.). *Tucidide nella storiografia moderna*. Tradução de Francisco Murari Pires. Napoli: Morano, 1994. p. 107-117. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/antigosmodernos/seculoxix/ranke/herodototucidides.html>>. Acesso em: 14 jul. 2008.
- PATILLON, M. *Éléments de rhétorique classique*. Paris: Nathan, 1990.
- RAWSON, E. Cicero the historian and Cicero the antiquarian. *Journal of Roman Studies*, London, v. 62, p. 33-45, 1972.

_____. Intellectual life in the Late Roman Republic. London: Duckworth, 1985.

RUSSELL, D. A. *Criticism in antiquity*. Berkeley: University of California, 1981.

SCANLON, T. F. The clear truth in Thucydides 1.22.4. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Stuttgart, v. 51, n. 2, p. 131-148, 2002.

VIDAL-NAQUET, P. Razão e contra-senso na história. In: _____. *Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 85-117.

WISEMAN, T. P. *Clio's cosmetics: three studies in greco-roman literature*. Bristol: Bristol Phoenix, 2003.

WOODMAN, A. J. *Rhetoric in classical historiography: four studies*. Portland: Areopagitica, 1988.

WOOTEN, C. W. Dionysius of Halicarnassus and Hermogenes on the style of Demosthenes. *American Journal of Philology*, Baltimore, v. 110, no. 4, p. 576-588, 1989.